Dia 5 — São Sabas, Abade

Martirológio Romano

São Sabas, abade, em Mutalasca, na Capadócia; o qual na Palestina resplandeceu com admirável exemplo de santidade e trabalhou fielmente em defesa da fé católica contra os que impugnavam o concílio Calcedonense. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Crispina, mulher nobilíssima, em Tebessa, na África; a qual, no tempo de Diocleciano e Maximiano, por não querer sacrificar aos ídolos, foi degolada por mandado do procônsul Anulino: Santo Agostinho a louva muitas vezes em seus escritos. (Diz-nos este Santo, no *Comentário aos Salmos* 120 e 136, que esta santa Mártir era uma senhora de ilustríssimo berço, muito rica e casada; que teve muitos filhos e que, ainda que de compleição delicada, seu espírito era varonil no que dizia respeito a Deus. Quando foi preciso confessar publicamente o nome de Cristo, não fez caso algum das ameaças nem das exortações do magistrado que tratava de persuadi-la, merecendo assim a palma do martírio pelo generoso sacrifício de sua vida no ano 304.)

Os santos mártires Júlio, Potâmia, Crispim, Félix, Grato e outros sete, em Tagura, na África.

São Baso, bispo, em Nice, junto ao rio Varo; o qual, por confessar a fé católica na perseguição de Décio e Valeriano, por decreto do presidente Perênio foi atormentado no cavalete, abrasado com planchas de ferro ardentes, ferido com varas e com escorpiões e lançado ao fogo; mas saindo de tudo sem dano, traspassaram-lhe a cabeça com dois cravos e consumou seu ilustre martírio (no ano de 254).

São Dalmácio, bispo e mártir, em Pavia, que padeceu durante a perseguição de Maximiano. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Pelino, bispo de Brindisi, em Pentima, no Abruzzo; ao qual, no império de Juliano, o Apóstata, porque com suas orações desabou o templo de Marte, indignados os sacerdotes dos ídolos do mesmo templo, açoitaram cruelíssimamente e logo, com oitenta e cinco feridas que lhe abriram, alcançou a coroa do martírio.

Santo Anastásio, mártir, igualmente; o qual, com a ânsia de padecer o martírio, se ofereceu voluntariamente aos perseguidores.

São Nicécio, bispo, em Tréveris, varão de admirável santidade. (São Gregório Magno nos deixou um grande elogio deste santo Prelado, e muitos outros Santos do século em que viveu dão testemunho da inocência de seus costumes, de sua extraordinária santidade e de seus milagres.

Morreu pelos anos de 566.)

São João, bispo, chamado o Taumaturgo, em Polibotos, na Ásia. (Floresceu no tempo do imperador Leão III, chamado Isáurico, com quem disputou muitas vezes acerca do culto que se deve às imagens dos Santos. Foi-lhe concedido o dom de milagres, e foram tantos e tão assombrosos os que operou que seus contemporâneos lhe deram o sobrenome de Taumaturgo. Segundo Barônio, morreu no ano de 731.)

São Sabas, Abade

Nasceu São Sabas no ano de 439 na aldeia de Mutalasca, no território de Cesareia da Capadócia: era filho de João e de Sofia, ambos notáveis no país por sua nobreza e por sua virtude. Seu pai era oficial nos exércitos do Imperador e comandava uma companhia de isáuricos. Tendo-se excitado em Alexandria algumas turbações, foi enviado João a apaziguá-las, e sua mulher Sofia o seguiu. A demora que se viram obrigados a fazer os obrigou a deixar seu filho Sabas, que só tinha cinco anos, sob a direção e cuidado de Hermias, seu tio materno. O menino, ainda que muito sofrido, não pôde aguentar o mau humor de sua tia, que o tratava mal; o que o obrigou três anos depois a retirar-se à casa de um tio chamado Gregório, irmão de seu pai, que vivia no lugar de Escandos. Esta preferência causou muito em breve ciúmes entre os dois tios, pretendendo cada um apoderar-se da pessoa do sobrinho e entrar na administração da fazenda do pai: ainda que Sabas só contava então oito anos, escandalizou-se destas contendas, das quais determinou fazer cessar a ocasião e tirar a causa, para o que se retirou secretamente ao mosteiro de Flaviano, a uma légua curta de Mutalasca. Só sua fisionomia prevenia tão poderosamente em seu favor que aqueles bons religiosos o receberam com gosto e se encarregaram de sua educação. O bom gênio do jovem, sua inclinação à virtude, sua aplicação e sua inocência fizeram-no em breve adiantar tanto nas ciências e na virtude que desde então se olhava para ele como quem devia ser um dia um dos mais belos ornamentos da vida cenobítica. Tendo seu retiro reconciliado os dois tios, não omitiram diligência alguma para tirar o sobrinho do claustro; mas o jovem protestou-lhes que coisa alguma seria capaz de fazê-lo abandonar jamais sua vocação; que sempre preferiria o estado religioso a todas as vantagens do século.

Não obstante seus poucos anos, não se via pessoa no mosteiro a quem não excedesse em austeridade, em exatidão e em fervor. Tendo colhido um dia uma maçã no pomar, não só não a comeu, mas se afligiu tanto desta venialidade que se proibiu o uso de toda espécie de fruta pelo resto de sua vida. Não era menos sóbrio no dormir que no comer; passava uma parte da noite em oração, e durante o dia não deixava vazio algum entre a oração e o trabalho.

Não tinha Sabas mais que dezoito anos, e já era a admiração dos mais velhos do mosteiro. Tendo manifestado um dia ao superior o desejo que tinha de ir visitar os Santos Lugares e os desertos da Palestina, o abade, que conhecia sua virtude, permitiu-lho, embora com o pesar de privar sua casa de tão excelente modelo. Partiu, pois, para Jerusalém no ano de 457; e passou o inverno no mosteiro de São Passarião, onde sua rara virtude se fez admirar tanto como se havia feito no de São Flaviano. Os monges não omitiram diligência alguma para fixá-lo neste lugar; mas o amor que

tinha ao retiro, ao silêncio e à austeridade fê-lo preferir a todos os outros o mosteiro de Eutímio. Este santo Abade, ao vê-lo tão jovem e delicado, não quis detê-lo ainda em sua laura. Era um mosteiro grande, a quatro léguas de Jerusalém, onde todos os solitários viviam separadamente, como hoje os Cartuxos, cada qual numa celinha separada. O santo Abade o enviou a um mosteiro que dependia dele e tinha por superior a São Teoctisto. Vendo-se nosso Santo numa comunidade onde reinava a mais exata disciplina religiosa, não se ocupava mais que em Deus; e aspirando sem cessar à mais alta perfeição por meio de um fervor sempre novo, veio a ser em poucos dias o modelo dos mais perfeitos. Dedicava todos os dias ao trabalho e as noites à oração. Estava tão recolhido e tão continuamente unido com Deus que o trabalho corporal era para ele uma sublime oração; fazia todas as coisas num espírito de penitência e de caridade, até encarregar-se de levar a água e a lenha que se necessitava para as precisões de seus irmãos. Aliviava a todos os que estavam empregados nos vários ofícios da casa; e dizia-se que Sabas fazia todos os ofícios dos demais. Tinha um cuidado particular dos enfermos; e com tantas e tão contínuas ocupações via-se-o sempre o primeiro no ofício divino.

A estima geral que todos faziam de sua virtude aumentou muito com a vitória que alcançou de uma tentação bem delicada, que pôs sua vocação a uma prova muito estranha. Tendo-o nomeado por companheiro de um religioso que ia a Alexandria, encontrou ali seus pais, os quais o reconheceram, não obstante a mudança que havia causado nele uma ausência de mais de vinte anos, passados nos contínuos exercícios da mais austera penitência. O amor paternal fez todos os esforços possíveis para obrigá-lo a mudar de estado e voltar ao mundo; mas os rogos, as solicitudes e as lágrimas dos seus não puderam torcer jamais sua vocação: disse a seu pai que, se as leis da guerra castigavam com tanto rigor os desertores, que castigo não devia esperar de Deus o que abandonava seu serviço? Esta generosa resposta embeveceu a seus pais, os quais admiraram sua constância e sua virtude e se contentaram em encomendar-se a suas orações.

Tendo morrido Teoctisto, nosso Santo obteve licença do santo abade Eutímio para retirar-se a uma solidão mais austera. Encerrou-se numa pequena gruta, onde passava cinco dias por semana sem alimento, ocupado unicamente na oração e no trabalho de mãos, que não interrompia sua oração: fazia regularmente dez cestinhos cada dia, e no sábado levava seus cinquenta cestinhos ao mosteiro, onde passava o domingo com seus irmãos; e à tarde levava os ramos de palma de que necessitava para ocupar-se os cinco dias seguintes, com os quais se encerrava em sua gruta. Santo Eutímio, que chamava a nosso Santo o jovem velho, por sua alta virtude e sabedoria, levava-o todos os anos no dia 14 de janeiro ao deserto de Ruba, onde se cria que o Salvador havia passado os quarenta dias depois de seu batismo: ambos permaneciam ali até o domingo de Ramos num espantoso jejum, exercitando todos os rigores da mais pasmosa penitência.

Mas tendo-se introduzido o relaxamento no mosteiro de São Teoctisto, Sabas se retirou dele de todo ponto e foi-se ao deserto do Jordão a viver perto de São Gerásimo. Aqui foi onde, não podendo os demônios sofrer uma tão eminente virtude num religioso jovem de trinta e cinco anos que, sem haver perdido a inocência, levava mais longe que todos os outros suas austeridades, declararam-lhe uma guerra sangrenta e empregaram todos os seus artifícios para ver se podiam vencê-lo, ou ao menos aterrá-lo. Apareciam-lhe mil fantasmas horríveis: os terríveis uivos com que acompanhavam seus insultos eram capazes de inspirar terror aos mais animosos; mas Sabas, armado da oração, alcançou outras tantas vitórias quantos foram os combates que lhe

apresentaram os inimigos e, longe de acovardar-se, buscou quatro anos depois uma solidão ainda mais horrorosa, a qual encontrou nos rochedos de um alto monte onde havia vivido São Teodósio, o Cenobiarca. A cova que escolheu para sua cela estava tão alta, e o caminho para subir era tão difícil, que, para levar a água que ia buscar a duas léguas dali, viu-se obrigado a atar uma longa corda no alto para agarrar-se ao subir com a carga. Não teve ali outro alimento que as raízes que nasciam aos pés dos rochedos; mas as consolações celestiais que inundavam sua alma o indenizavam abundantemente de tantos trabalhos. Tendo visto uns camponeses um dia aquela corda, subiram até a cova do Santo e ficaram assombrados de sua penitência. Desde então começaram a vir de todas as partes tantas pessoas a receber suas instruções que não pôde negar-se aos que, à imitação sua, determinaram passar seus dias na solidão; e vendo aumentar-se o número de seus discípulos, consentiu em que se edificasse ali uma laura com uma capela e um altar que mandou benzer, aonde os sacerdotes dos lugares vizinhos iam regularmente dizer-lhes missa. Havia formado uma ideia tão alta do sacerdócio que estava persuadido de que sem uma eminente virtude ninguém podia ser elevado a esta formidável dignidade; da qual não só se teve por indigno toda a sua vida, mas nem sequer creu que algum de seus discípulos tivesse bastante virtude para merecê-la. Esta religiosa rigidez desagradou a muitos de seus religiosos, e foi acusado deste pretenso delito perante o Patriarca; ao que acrescentaram que era demasiado simples e demasiado escrupuloso para ser seu superior, e pediram-lhe que lhes assinalasse algum outro. Salústio, patriarca de Jerusalém, informado do mérito particular de nosso Santo, fingiu dar ouvidos a suas queixas. Na manhã seguinte mandou ao Santo que viesse vê-lo com todos os seus religiosos. São Sabas, que ignorava o que se passava, foi à casa do Patriarca à frente de sua comunidade: não houve um de seus religiosos que não esperasse ver seu Abade deposto; mas ficaram surpreendidos ao ver que o Patriarca, depois de lhe haver conferido na presença deles todos as ordens sagradas, o ordenou presbítero; e tendo acabado de ordená-lo, disse a todos os religiosos: Este é vosso superior; não foram os homens, mas Deus quem o pôs neste emprego. Eu não fiz outra coisa senão emprestar minhas mãos ao Espírito Santo para conferir-lhe o sacerdócio. Honrai-o como a vosso pai e obedecei-lhe como a vosso superior. Depois deste arrazoado, voltou-os todos à laura, onde consagrou a igreja que São Sabas havia feito edificar.

Crescendo cada dia mais a fama do Santo, viam-se chegar todos os dias novos discípulos, entre os quais recebeu a São João, chamado o Silenciário, que havia deixado o bispado para pôr-se sob sua direção. Tendo ficado viúva, depois de alguns anos, Sofia, mãe do Santo, veio acabar seus dias numa celinha perto de seu mosteiro e teve o consolo de morrer santamente entre seus braços. Do dinheiro que lhe havia levado edificou o Santo dois hospitais muito capazes para os pobres passageiros e para os religiosos estrangeiros que iam de viagem. Fundou igualmente um novo mosteiro a uma légua de sua ermida; e a meia légua um convento para educar os noviços na vida monástica e na virtude, separados dos velhos. Era tão universal a fama da sabedoria e santidade de São Sabas que todos os solitários, tanto os das cidades como os dos desertos, desejavam com vivas ânsias estar sob sua direção; o que obrigou o Patriarca a nomeá-lo exarca, isto é, superior geral de todos os anacoretas que viviam nas lauras, nas ermidas e nos desertos; mas como jamais se viu virtude eminente sem perseguição e sem desgosto, aqueles falsos irmãos, a quem não convinha a exata regularidade de nosso Santo, apenas tiveram notícia da morte do patriarca Salústio procuraram com mil artifícios engrossar seu partido e sacudir o jugo da obediência. Nosso Santo, que só suspirava pelo retiro, valeu-se destas turbações para retirar-se a um horroroso deserto, onde desejava não ser conhecido de pessoa vivente; mas tendo sido descoberto,

voltaram-no a sua laura contra sua vontade; mas não durou muito tempo. Continuando os espíritos turbulentos a amotinar-se contra ele, retirou-se secretamente, querendo ceder aos homens, ainda que estava acostumado a combater com os demônios. Passou algum tempo debaixo de uma árvore muito frondosa que lhe servia de cela, até que o dono do campo em que estava mandou fabricar-lhe uma, que muito em breve chegou a ser um numeroso mosteiro. Mas tendo sido conhecido, outra vez o voltaram a sua laura por ordem do novo Patriarca. Os rebeldes não se atreveram a opor-se; mas, não querendo submeter-se, tomaram o partido de retirar-se; mas tendo sido lançados de todos os mosteiros aonde iam apresentar-se, viram-se obrigados a retirar-se a umas celas abandonadas, de onde também os queriam lançar. Só nosso Santo tomou seu partido; enviou-lhes uma soma de dinheiro para facilitar-lhes algum alojamento, proveu a todas as suas necessidades, alcançou-lhes a propriedade das celas em que se haviam metido e fez uma viagem expressamente para levar-lhes algumas provisões; e finalmente fabricou-lhes uma igreja. Com estas armas soube vencê-los; reconheceram sua culpa, pediram-lhe perdão e, depois de haver provido abundantemente a suas necessidades, deu-lhes por abade um de seus primeiros discípulos: este mosteiro se chamou desde então a Nova Laura. Durante esta viagem converteu à verdadeira fé alguns nestorianos e outros que seguiam os erros de Êutiques e de Dióscoro.

Por mais amante que fosse do retiro, soube contudo privar-se dele sempre que o pediram a glória de Deus e o bem da Igreja. O imperador Anastásio, fautor dos hereges, desterrou Elias, patriarca de Jerusalém, e perseguia os Católicos. Apenas teve notícia São Sabas do perigo que corria a fé no Oriente, fez duas viagens a Constantinopla. Sua vista aterrou o Imperador, confundiu os Eutiquianos e deteve o curso da perseguição; foi intrépido consolar em seu desterro os confessores de Jesus Cristo e animou a fé vacilante de grande número de solitários.

Enquanto nosso Santo trabalhava com uma solicitude contínua em manter a pureza da fé ortodoxa e o vigor da disciplina regular em todos os mosteiros da Palestina, uma horrível fome lhe deu ocasião de exercitar sua caridade e de fazer patente sua santidade com grande número de milagres. De todas as partes iam representar-lhe a extrema necessidade dos mosteiros, e no mesmo instante fazia Deus alguns milagres para aliviá-los. O ecônomo de sua grande laura foi dizer-lhe que não havia nem sequer para dizer missa. São Sabas levantou os olhos e as mãos ao céu, e quase à mesma hora viram-se chegar trinta mulas carregadas de víveres. O imperador Justino, príncipe católico, sucessor de Anastásio, publicou um edito mandando que em todo o império se recebesse o concílio de Calcedônia: foi o mesmo chegar a notícia de São Sabas esta determinação do Imperador e, sem reparar na avançada de sua idade, que era de oitenta anos, nem no exausto que se achava de forças corporais por causa de sua penitência e de seus muitos trabalhos, plantou-se em Cesareia, em Citópolis e em outras principais cidades da Palestina; fez que recebessem o edito e que registrassem nas igrejas os quatro concílios gerais. Os Católicos foram acusados falsamente perante o imperador Justiniano. São Sabas, que já tinha noventa anos, fez uma viagem a Constantinopla, onde o imperador Justiniano o recebeu como a um anjo baixado do céu e lhe concedeu muito mais do que pedia: fundou a seus rogos um hospital em Jerusalém, mandou reparar as igrejas que os samaritanos haviam arruinado e deu ordem para que se fortificasse a laura de São Sabas, para que os ermitãos pudessem retirar-se a ela durante as correrias dos bárbaros. Ao tempo em que o Imperador fazia despachar em seu gabinete as ordens para este negócio, São Sabas, a quem este Príncipe havia feito entrar para que estivesse presente ao despacho, vendo que havia chegado a hora de tércia, levantou-se para ir rezar seu ofício: o

monge Jeremias, que o acompanhava, perguntou-lhe se pensava que estava com o Imperador. Penso-o, respondeu o Santo; mas também penso que é hora de tércia e que Deus me quer neste momento mais em outra parte que aqui.

Passeando um dia São Sabas com um monge jovem ao longo do Jordão, passaram muito perto deles umas senhoras acompanhadas de uma dama jovem magnificamente adornada. O Santo, que andava sempre com os olhos baixos e que desde seu noviciado se havia imposto a lei de não olhar jamais o rosto de mulher alguma, querendo saber se seu companheiro havia estado tão modesto como ele, disse-lhe: É lástima que esta senhorita seja tão desgraçada; parece-me que não tem mais que um olho. — Com vossa licença, respondeu-lhe o noviço, eu a olhei com muito cuidado e notei que é muito bem-feita e que tem seus dois olhos. O Santo deu uma viva repreensão ao monge jovem; e fazendo-lhe compreender quão necessária era a modéstia para conservar a inocência, enviou-o a uma solidão muito retirada, onde pudesse acostumar-se à mortificação dos sentidos.

Finalmente, o Senhor quis recompensar os méritos de seu servo: caiu enfermo e teve revelação de sua morte. O Patriarca foi visitá-lo em sua última enfermidade e, vendo a falta que havia de tudo em sua pobre cela, mandou levá-lo a uma casa vizinha que dependia dele. O Santo consentiu nisso por obedecer; mas, conhecendo que seu fim estava próximo, fez-se transportar a sua celinha, onde morreu com a morte dos justos, entre os braços de seus filhos, no dia 5 de dezembro do ano 531, com idade de mais de noventa e dois anos. Seu corpo foi enterrado no meio de sua laura com uma pompa religiosa qual correspondia à fama de sua santidade; encontraram-se em seu enterro muitos bispos e grande número de solitários. Deus fez glorioso seu sepulcro com infinidade de milagres. Suas relíquias foram transportadas depois a Veneza, onde estão em grande veneração.

São Geraldo, Arcebispo de Braga

São Geraldo, decoroso ornamento da reforma de Cluny, um dos bispos mais célebres que brilharam na Igreja da Espanha, foi natural do bispado de Cahors, no reino da França, descendente das famílias mais distintas daquele país. Seus pais viveram muitos anos sem sucessão; e tendo recorrido ao céu com fervorosas orações, com religiosos votos e com promessas continuadas, o Senhor lhes concedeu por fruto de suas doces bênçãos a Geraldo, cujo nascimento encheu de alegria toda a sua família. Deram-lhe uma educação tão própria de sua piedade como de seu distinto nascimento; mas não querendo dilatar a promessa que fizeram ao Senhor, ofereceram-no a Deus desde sua infância no mosteiro de Moissac, da Ordem de São Bento, observando os ritos prescritos na regra do santo Patriarca sobre a oblação das crianças. Criou-se Geraldo naquela ilustre casa e, observando nele os monges uma conduta irrepreensível, um entendimento sólido, uma docilidade suma e uma devoção fervorosíssima, granjeou o amor de todo aquele claustro religioso. Fez sua solene profissão quando teve idade competente; e como seus desejos não eram outros que aspirar ao cume da mais alta perfeição, conseguiu-o à custa de suas religiosas virtudes, deixando-se ver logo fervoroso na oração, vigilante nos ofícios, cego na obediência, profundo na humildade, anjo na pureza, inabalável na paciência, admirável na mansidão, rigoroso consigo e suave para com os demais. Seus amados companheiros eram os livros; cujo estudo, e com

especialidade o da santa Escritura, granjeou-lhe o mais alto conceito de homem verdadeiramente sábio nas ciências que se fundam sobre o sólido princípio do santo temor de Deus.

Quiseram os monges aproveitar-se dos grandes talentos de Geraldo e para isso nomearam-no visitador dos priorados sujeitos ao mosteiro de Moissac; cuja comissão desempenhou com tanto acerto que dentro de breve tempo se experimentaram os efeitos de um visitador tão santo como zeloso e sábio. Achou alguma resistência nos monges do mosteiro ou priorado de Santa Maria Dourada; mas sua inalterável paciência, sua doçura e sua suavidade lograram os mesmos efeitos que em todas as demais casas. Não ficavam estes reduzidos dentro dos claustros, pois, tendo-o dotado o céu de uma singular eloquência e de uns talentos extraordinários para a pregação, saía com frequência por todos os povos e aldeias da comarca a ilustrar seus moradores com a luz da doutrina evangélica, atraindo muitos pecadores das desordens comuns dos vícios à observância de uma vida regrada.

Bernardo, abade de Sahagún, um dos varões mais célebres que floresceram na Espanha, foi feito arcebispo de Toledo; e conhecendo este que aquela santa igreja, recém-conquistada do poder dos árabes, tinha necessidade de sujeitos sobressalentes em ciência e em santidade, para restituí-la ao antigo esplendor que teve no tempo dos godos, entre os que trouxe do reino da França para esta gloriosa empresa foi um Geraldo. Conferiu-lhe uma das dignidades daquele ilustre cabido, que foi a de chantre, segundo alguns escrevem, e portou-se nela com uma conduta tão justificada que todos a uma voz o proclamavam digno de maiores empregos.

Vagou então o bispado de Braga e, conhecendo o arcebispo Dom Bernardo que só a eminente virtude e o ardente zelo de Geraldo poderiam reparar o lastimoso quebranto que havia padecido aquela igreja no tempo dos bárbaros africanos, fez que se elegesse por prelado dela, ou bem por nomeação do rei Dom Afonso, ou por eleição do clero e povo, com aprovação do conde Dom Henrique, a cujo cargo estava a regência da província de Portugal. Não foi tão fácil a admissão de Geraldo como foi sua promoção, porque, achando-se muito distante de apetecer honoríficos empregos, foi necessária toda a autoridade do Rei e a do Arcebispo, que se achava com as faculdades de legado apostólico, para obrigá-lo a que aceitasse a dignidade.

Os arcebispos da Espanha tinham então o costume de passar pessoalmente a Roma ou enviar pessoa digna para obter do Papa a confirmação de sua eleição e o uso do pálio, insígnia dos metropolitanos; e tendo-o sido os de Braga no tempo dos godos, determinou Geraldo ir à capital do orbe cristão, assim para o dito como para tratar com o sucessor de São Pedro sobre os meios de reparar os danos que havia padecido sua igreja no dilatado tempo que esteve sob o jugo dos agarenos. Tinha Pascoal II, monge que havia sido da congregação de Cluny, grandes notícias das recomendáveis qualidades do insigne Prelado; e tendo-o recebido com as demonstrações do maior afeto, não só confirmou sua eleição e lhe concedeu o pálio, mas encheu-o de honras, prevenindo em suas Letras apostólicas ao conde Henrique que o tratasse com toda veneração e o auxiliasse para a recuperação dos bens e direitos alienados de sua Igreja.

Geraldo regressou de Roma para Braga condecorado com os muitos privilégios que lhe concedeu o Vigário de Jesus Cristo e começou a exercer as funções de seu ministério episcopal com aquele zelo e com aquela vigilância que exige o Apóstolo dos prelados perfeitos colocados no candeeiro

da Igreja, de sorte que em muito breve tempo mudou de semblante toda a sua diocese, possuída antes de um sensível relaxamento. A conduta admirável que observou o santo pastor facilitou a obediência a suas sábias exortações, pois jamais se dispensou dos religiosos exercícios que observou em seu mosteiro, nem afrouxou um ponto daquela vida exemplar que fez sendo dignidade do cabido de Toledo. Com a frugalidade de sua mesa e com o modesto trem de sua casa e família teve meios para socorrer uma multidão de pobres, a quem olhava como credores de suas rendas, portando-se com todos com tanto amor, com tanta doçura e com tanta benevolência que, feito dono do coração de seus súditos, todos o amavam como a pai e reverenciavam como a pastor santo.

Conheceu o ilustre Prelado que o vício predominante em sua diocese era o da sensualidade, tanto que não se viam senão estupros, incestos e fornicações; e como era tão amante da castidade, empregou toda a sua reputação em extirpar este torpe vício que tanto afeia a formosura da alma racional, começando a corrigi-lo pelos cavaleiros e poderosos, a fim de que dessem exemplo aos homens humildes do povo. Era Geraldo naturalmente suave e compassivo; mas quando o pedia a necessidade, mostrava-se inexorável na correção dos pecados públicos que causavam escândalo, sem reparar na qualidade das pessoas, fossem nobres ou plebeus, acreditando o Senhor com visíveis prodígios quão agradável lhe era nesta parte o zelo de seu fidelíssimo servo. Vivia na cidade de Braga um cavaleiro chamado Egas Peres, mais esclarecido por seu sangue que por seus relaxados costumes: o santo Arcebispo procurou separá-lo do amancebamento que tinha com uma parenta sua, por quantos meios lhe ditou sua ardente caridade; mas desatendendo o pertinaz cavaleiro todos os conselhos paternais de Geraldo, viu-se na indispensável necessidade de feri-lo com a formidável espada da excomunhão. Desprezou Egas a censura com jactanciosa soberba e, não se abstendo de comunicar com os fiéis, teve a ousadia de entrar na igreja em certa ocasião em que o Arcebispo celebrava de pontifical na presença do conde Henrique e de sua mulher Teresa. Cessou Geraldo na missa, intimando a todos os assistentes que não prosseguiria se não se expulsasse do templo o público excomungado, o que se executou pontualmente. Egas saiu da igreja cheio de furor e confusão; mas prorrompendo em muitas injúrias contra o santo Prelado, apoderou-se dele um maligno espírito que, atormentando-o furiosamente, deixou-o cair por terra quase morto. Pediu a condessa Teresa ao Santo, logo que concluiu o sacrifício, que tivesse compaixão daquele miserável e, rogando a Deus por ele posto de joelhos, ficou livre do demônio; cujo prodígio serviu para que Egas se reconhecesse, vivendo daí em diante como cristão. Igual castigo do céu sobreveio a dois irmãos poderosos do território de Braga, entregues totalmente ao vício da luxúria, os quais, excomungados pelo zelosíssimo Prelado por haverem desatendido suas paternais admoestações, morreram infelizmente. Não menor foi o de Ordonho, familiar e privado do conde Henrique: apaixonou-se este de uma nobilíssima senhora chamada Loda, de singular formosura e de rara virtude, que vivia num castelo próprio a duas léguas de Braga e, para obrigá-la a que contraísse matrimônio com ele, levou-a com violência a seu palácio. Recusava a ilustre virgem condescender com a pretensão de seu cego amante e, para livrar-se de sua opressão, trocou os vestidos com os de uma criada, fingindo ir por um cântaro de água da fonte, com cujo artifício saiu do palácio de Ordonho. Soube este o artifício e saiu em busca de Loda com grande comitiva de seus familiares e amigos: sentiu a devota donzela, que apenas podia andar por sua delicadeza, a turba dos que a buscavam e, posta de joelhos, implorou a proteção do santo Prelado para que a livrasse daquele iminente perigo; e foi coisa admirável que, tendo passado junto a ela toda a comitiva, não foi vista por nenhum deles. Chegou a entender Ordonho que, pela intercessão

do Santo, se haviam malogrado suas intenções e, tendo a ousadia de pronunciar contra ele várias injúrias, vingou-as o céu com uma desgraçada morte.

Estes e outros muitos portentos com que quis Deus manifestar a eminente santidade de seu fidelíssimo servo fizeram-no respeitável em todo o seu bispado; e aproveitando-se deste geral conceito, redobrava sua vigilância pastoral para imprimir em todos os seus súditos a religiosidade e a piedade de que estava penetrado seu coração. Quis visitar pessoalmente sua diocese, a fim de comunicar a suas ovelhas as correspondentes instruções da doutrina cristã de que estavam necessitadas, porque, tendo vivido os Cristãos muitos anos misturados com os mouros, não deixaram de adotar várias de seus relaxados costumes. Fez sua visita segundo o costume dos Padres antigos, dando a todos salutares documentos para que obrassem segundo o espírito da religião que professavam e, não satisfeito com os pastos espirituais, socorria com mão liberalíssima todas as necessidades corporais de seus súditos. Era para com todos dulcíssimo e, sendo só severo e rígido para consigo, chegou a ocasião de passar três dias sem tomar a primeira refeição, por não impedir as funções de seu ministério, cujo rigor foi a causa de não poder continuar sua visita por falta de forças. Acometeu-o uma ardente febre num povoado chamado Bornes e, conhecendo que se aproximava o fim, fez esforços extraordinários para purificar sua inocência. Recebeu os últimos Sacramentos com grande devoção: vestiu-se de cilício, cobriu com cinza sua cabeça segundo o costume daqueles séculos e, dando sua bênção aos seus, morreu no Senhor no dia 5 de dezembro do ano 1109, tendo governado sua igreja como um verdadeiro sucessor dos Apóstolos nove anos, dois meses e onze dias. Logo que se soube em Braga a morte do santo Arcebispo, dispôs-se imediatamente trasladar a sua Igreja o venerável cadáver com a possível magnificência; e executado assim, depositou-se na capela de São Nicolau, que ele mesmo mandou construir, onde suas relíquias se têm em grande veneração; e o Senhor se digna obrar muitos prodígios pela poderosa intercessão de seu fidelíssimo servo.

São Dalmácio, em Vulgar Catalão São Dalmau, Bispo e Mártir

O bem-aventurado São Dalmácio foi natural da Itália e de linhagem nobilíssima de senadores. Era ocultamente cristão, pelo que passou a uma cidade chamada Alba e ali começou a pregar a fé de Cristo e fazer milagres. Aconteceu que certo cavaleiro chamado Valentim, capitão de soldados, tendo ouvido referir as maravilhas que operava o Santo, vindo de Ravena, foi a ele e suplicou-lhe que rogasse a Deus por um filho seu, que estava muito enfermo. O glorioso Santo fez oração por ele, conforme lho pediu, e pôde tanto com ela que foi ao dito cavaleiro e disse-lhe que cessasse de estar aflito, porque seu filho já estava curado da enfermidade. Voltou o capitão a sua casa e achou que era verdade o que Dalmácio lhe havia dito e, voltando outra vez ao Santo e abjurando com o filho seus erros, converteram-se à fé católica, recebendo logo o Batismo. Este capitão, voltado a sua terra, pôs-se a pregar a fé e, com aquele testemunho que fazia do milagre, converteu muitos a Jesus Cristo.

Depois Dalmácio, guiado por um Anjo, veio à cidade de Pavia e, já não muito longe desta cidade, passou um caudaloso rio sem ponte nem barco, sendo levado sobre as águas num momento, por cujo milagre muitíssimos que o viram se converteram à santa fé de Cristo. Com o discurso do tempo foi eleito bispo de Pavia, cuja igreja governou maravilhosamente, dedicando-se especialmente ao ministério da pregação. Dali procurou passar à França para converter os infiéis que nela havia e foi Deus servido que converteu a muitos à fé. Finalmente, tendo operado o Santo grandes maravilhas no dito país, foi-lhe revelado que era vontade de Deus que voltasse a seu bispado.

Fê-lo Dalmácio e, chegando perto do rio de Pavia, prenderam-no os infiéis e, como cães raivosos, puseram nele as mãos, dando-lhe muitas punhaladas na cabeça até tirar-lhe a vida corporal, com a qual conquistou a eterna e coroa de mártir. Mostrou Deus em sua morte um grande milagre, para que entendessem os homens quão agradável lhe havia sido a vida do Mártir, e foi que, depois de morto, ficou seu corpo direito de tal sorte que muitos daqueles gentios se converteram ao Senhor. Sepultaram-no em sua igreja de Pavia, onde Deus por sua intercessão faz muitíssimos milagres.

Padeceu o martírio tal dia como hoje; mas se ignora o ano, ainda que segundo Barônio floresceu no século III. Depois, passados alguns centenares de anos, foi trazida uma muito principal relíquia deste Santo à igreja paroquial de São Dalmácio ou Dalmau, perto da cidade de Gerona, onde sem dúvida faz o Senhor por seu servo aos homens grandes mercês. (Domènech, *Hist. Sant. Cat.*)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Sabas, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Sabbæ abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade São Sabas nos torne gratos à vossa divina Majestade, para que consigamos com sua proteção o que não podemos com nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do Eclesiástico.

Eclesiástico 45,1-6

>

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Reflexões

O Senhor o fez ouvir sua voz e o introduziu numa nuvem. O texto grego diz que o fez entrar na escuridão. Este de quem fala aqui o Eclesiástico é Moisés, quando por um favor muito singular o chamou Deus ao cume do monte, onde, fazendo-o invisível aos israelitas, lhe fez ouvir sua voz naquela sagrada solidão e em meio daquela misteriosa escuridão. Nenhuma coisa representa melhor, ao parecer, a graça da vocação ao estado religioso que esta voz de Deus que chama seu servo a este santo monte. Poucas graças há certamente mais estimáveis que a vocação ao estado religioso; e poucas, contudo, cujo preço se conheça menos. Que obstáculos não se encontram desde que se quer seguir a voz de Deus? Teve-se a ventura de abraçar um estado tão santo? Quantos israelitas ingratos não se encontram que suspiram ainda pelo Egito, de onde a misericórdia do Senhor os tirou, fazendo para isso bastantes prodígios? A confissão das gentes do mundo é um testemunho nada suspeito da felicidade da vida religiosa; não há um homem de bom juízo, não há um homem cristão que não convenha em que é um bom partido. Contudo, se uma pessoa jovem determina deixar o mundo para tomar este bom partido, quantas dificuldades, bom Deus, não lhe opõem os parentes e os amigos! Que obstáculos não tem que vencer, especialmente se está dotada de belas prendas, se é rica! Teme-se sempre e receia-se que sua determinação seja efeito do capricho ou da ligeireza; pedem-se-lhe anos inteiros para deliberar sobre esta escolha; jamais se provou bastante sua vocação; não se consente nisso senão com pena. Por ventura se faz outro tanto quando uma pessoa jovem se quer ficar no mundo? Mas que artifícios para provar sua vocação! Que máquinas para desquiciá-la! Quantas razões capciosas e sedutoras para dissuadi-la! Que convites, que solicitudes, que lágrimas! Que pintura tão espantosa a que se lhe faz de tudo o que terá de sofrer no estado que quer abraçar! Exageram-se todas as suas pretensas dificuldades: quer-se que neste estado tudo seja adverso, tudo pesado, tudo insuportável. Os males mais

ordinários e, por outra parte, inseparáveis de todos os estados representam-se aqui como uns monstros novos que não nascem, segundo dizem os mundanos, senão nesta terra. Este é um país, segundo eles, que engole seus habitantes e que não produz senão espinhos. Quer-se que o jugo do Senhor, o qual, disse ele mesmo, é suave e leve, seja aqui muito amargo e de um peso enorme. O retiro, que faz provar umas doçuras tão puras e tranquilas, pintam-no sempre com as cores mais sombrias: é uma prisão, dizem, é um cárcere, é uma escravidão. Não há mundano que não olhe o claustro como o sepulcro de uma pessoa que se enterra em vida: ocupações totalmente santas, ofícios divinos, inocência tão pouco conhecida fora dali, exemplos de religião, segurança de consciência, tudo isso é, na ideia dos mundanos, uma lei dura, uns exercícios insípidos, uns encargos impraticáveis. Sobre esta espantosa ideia que se tem do estado religioso, creem estar obrigados a intimidar por meio de retratos horríveis a todos os que pensam e pretendem abraçá-lo. Mas, enfim, os que pensam e falam dele tão mal falam de uma terra desconhecida e de um clima onde jamais estiveram: podem-se-lhes perdoar seus erros e seu terror pânico. Mas essas mesmas pessoas que conhecem o mundo e declamam tão a miúdo, e com razão, contra suas injustiças, sua tirania e sua má-fé; que conhecem demasiado por sua triste experiência os terríveis riscos que corre nele a salvação; que gemem cem vezes por se haverem metido nele; que quisessem à hora da morte haver dado ao mundo tudo o que têm por haver vivido num claustro, aconselham por ventura as mesmas precauções aos que pensam meter-se e ficar no mundo? Dão-lhes os mesmos conselhos? São tão eloquentes para apartá-los de seus intentos? Pedem as mesmas provas a essas vítimas jovens? Bom Deus, quão injusto é o homem quando só segue a razão humana, os sentidos ou a paixão!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze

tribus d’Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Que a virtude é fácil em toda sorte de estados e condições

Primeiro ponto

Considera como não há coisa alguma da parte da virtude que me deva fazer crer que eu não posso adquirir a perfeição própria de meu estado. A virtude, em qualquer estado em que se ache e de qualquer lado que se olhe, parece amável, e o é; seu caráter só faz seu elogio. A mansidão é sua companheira inseparável: a ingenuidade, a boa-fé, a modéstia, a caridade, a justiça e tudo o que na vida cristã e na civil funda o verdadeiro mérito e merece a estima e o respeito, tudo isso entra em seu verdadeiro retrato e faz seu verdadeiro caráter. Um só destes traços que falte à virtude, já não é nem pode chamar-se virtude. Pois que dificuldade se encontra em ser homem de boa-fé, homem ingênuo e sincero? Que dificuldade se encontra em ser afável, benigno, cortês, caritativo? Que dificuldade em cumprir com as obrigações de seu estado? Julguemo-lo pela pesadumbre, pela pena, pela desonra que leva consigo a todas as partes o que é pouco cristão, o que não é homem de bem: que coisa mais desprezível e, com efeito, que coisa mais desprezada que um libertino, que um dissoluto, que um homem sem religião? É assim, dizem; mas a virtude está posta sobre um alto monte: é verdade; mas se sobe a ele muito facilmente, e a graça nos aplaina todos os caminhos: custa um pouco de trabalho chegar lá em cima, é verdade; mas o caminho não é longo, e muitos subiram e chegaram ao mais alto. Que ar tão suave, que paz, que serenidade, que tranquilidade a que se experimenta no cume deste monte! Quão abundantemente recompensados e indenizados ficamos do trabalho que tivemos e dos gastos que fizemos para subir! É muita razão que se padeça para ser virtuoso em seu estado o que indispensavelmente se padece nele quando se tem uma vida pouco cristã.

Segundo ponto

Considera como, para chegar a ser santos e perfeitos no estado em que Deus nos pôs, não é necessário mais que cumprir com as obrigações de cristãos com pontualidade e com fervor. Por ventura é muito trabalho cumprir cada um com sua obrigação e ser homem de bem? Não o é muito mais não cumprir com ela? Que pesadumes, que inquietações, que remorsos não padecem os que não são homens de bem nem cumprem com suas obrigações! Mas a lástima é que se desacreditam sem proveito. Os remorsos seguem sempre os desgostos que se procuraram voluntariamente. Pelo contrário, que prazer, que satisfação a de cumprir com as obrigações de seu estado, por pouco que tenha ficado de honradez, de religião e de bom juízo! A quem pode não

agradar a doçura e a paz de uma boa consciência? A virtude doma as paixões, que são os tiranos de nosso coração; e que vantagens não se seguem desta vitória, ao passo que os que são escravos delas gemem sob suas cadeias? Por mais que se dissimule, por mais que se finja, por mais que se afete uma alegria sempre artificial, a qual não sufoca uma só pesadumbre nem cura uma só ferida: essas inquietações, esses temores, esse mau humor que acompanha sempre a todos os imperfeitos fazem sem querer o mais cabal elogio da virtude das gentes de bem; e publicam, ainda que não queiram, os tormentos secretos que despedaçam os libertinos: ao passo que as pessoas que cumprem com as obrigações de cristãos gozam de uma paz inalterável, de um gozo interior que nada pode alterar, de um belo humor que embevece e faz que invejem sua felicidade aqueles mesmos que não seguem seu exemplo. Sim, por certo; mais custa ser mau que ser santo. Por mais que o mundo e os imperfeitos gritem e digam contra uma verdade que lhes parece um paradoxo, a experiência confunde as falsas preocupações dos mundanos.

Fazei, Senhor, por vossa graça, que eu faça em mim mesmo esta ditosa experiência; já estou firmemente resolvido a não fazer coisa que não contribua para fazer-me aspirar à perfeição de meu estado.

Jaculatórias

Que abundância de consolações não derramais, meu Deus, na alma dos que vos amam! (Sl 30.)

Ditoso uma e mil vezes o que teme a Deus e guarda seus mandamentos. (Sl 111.)

Propósitos

1. Entre as ciladas do demônio, talvez não há uma mais perigosa, ou ao menos que lhe saia melhor, que a opinião geral que introduziu no mundo, e ainda no claustro, de que sem um horrível trabalho não se pode ser santo; mas, ainda que esta opinião fosse tão verdadeira como é falsa, deveríamos poupar gastos para chegar a ser santos e para adquirir a virtude que nos é necessária no estado a que Deus nos chamou? Está alerta contra este erro que reina hoje em dia e que faz desmaiar tantas almas covardes; aplica-te seriamente a adquirir as virtudes próprias de teu estado e a cumprir com todas as tuas obrigações; não omitas uma; procura corrigir cada dia algum defeito e ter mais devoção. Esta prática parece demasiado difícil a quem não tem vivos desejos de obrar sua salvação; mas deixa de ser indispensável a qualquer que não se queira perder?

2. Não te acovardes às primeiras dificuldades: no princípio esta aplicação, estes combates, estas violências, estas vitórias te parecerão impossíveis: mantém-te firme contra ti mesmo: o zelo da salvação no princípio violenta, incomoda o coração, o espírito, os sentidos e as paixões: tudo se alvoroça; mas o combate não dura muito, e o fruto da vitória é eterno. O que no princípio espantava causa um doce prazer daí em diante. Se tua resolução é firme e sincera, todas as tuas dificuldades se desvanecerão logo. Dobra teu fervor, tua pontualidade, teu zelo, e no instante verás desaparecer todos aqueles fantasmas que te espantavam.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:33 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:33 by Admin